

ECONOMY



GREEN ECONOMY

Pax Brasilis: o Brasil se posiciona como potência de paz e energia limpa

Entre o petróleo e a floresta, o Brasil ensaia uma nova ordem energética, com menos promessas e mais poder de execução

Rodrigo Caetano

Compartilhe:    

Publicado em: 23/03/2026 às 21:07

Última atualização: 24/03/2026 às 23:20

ouça este conteúdo

readme



0:00 1.0x

Imagens: Rodrigo Caetano



ECONOMY



Embaixador André Correa do Lago, presidente da COP30, diz que o País quer se afirmar como uma potência da paz

A deterioração geopolítica global e a crise energética associada às guerras recolocaram a segurança de oferta de energia no centro da agenda. Nesse vácuo, o Brasil tenta se reposicionar. O embaixador André Correa do Lago, presidente da COP30, afirma que o País quer se afirmar como uma "potência da paz", capaz de combinar produção crescente de petróleo em uma região estável com liderança na agenda climática.

O foco é oferecer ao mundo uma transição energética mais previsível em meio à instabilidade internacional. Correa do Lago quer transformar a "Pax Brasilis" em diferencial competitivo. "O Brasil é o País que investe na paz", disse.

Na semana passada, Correa do Lago participou de um evento para o lançamento do relatório "Brasil: potência global de soluções", uma iniciativa que mapeia o avanço do setor privado na agenda climática. O estudo consolida iniciativas de empresas com presença na América do Sul e organiza esse movimento em nove eixos estratégicos, que vão de transição energética e bioeconomia a financiamento climático e agricultura regenerativa.

ECONOMY

Foram identificadas 128 soluções em operação, a partir de um universo de 144 projetos analisados, com destaque para transição energética, bioeconomia e restauração florestal, que lideram o volume de iniciativas. O levantamento mostra ainda que 100% dos eixos já contam com instrumentos financeiros disponíveis, com 21 produtos identificados no mercado brasileiro, o que desloca o debate da falta de capital para a capacidade de execução.

“O que queremos agora é passar de uma insistência em negociar para uma insistência em implementar”, afirmou Correa do Lago.

Não falta dinheiro para o setor privado

Esse esforço está sendo alinhado com o setor privado. À frente do relatório, elaborado pela consultoria Accenture, está a iniciativa C.A.S.E., que reúne grandes empresas brasileiras para acelerar a implementação de soluções climáticas na economia real. Participam da iniciativa Bradesco, Itaúsa, Itaú Unibanco, Marcopolo, Natura, Nestlé e Vale.

Para Marcelo Furtado, líder de sustentabilidade da Itaúsa, a COP30, realizada em Belém do Pará em novembro passado, funcionou como um catalisador, mas o foco sempre esteve fora dela. O objetivo é transformar a mobilização em execução, atraindo investidores, alinhando políticas e, sobretudo, levando as soluções para onde geram impacto de fato, que é a economia real.

Segundo Furtado, o setor privado brasileiro já entendeu que a agenda climática não é apenas uma exigência externa, mas uma alavanca de produtividade e competitividade. Exemplos vão do avanço dos bioinsumos e da agricultura regenerativa, que aumentam a resiliência e reduzem custos no campo, até soluções em mobilidade e energia que combinam eletrificação e biocombustíveis.

O principal desafio, diz Furtado, deixou de ser a falta de capital e passou a ser a coordenação entre empresas, governo e sistema financeiro. A aposta agora é focar em um conjunto reduzido de projetos e entregá-los no curto prazo, como

ECONOMY

Crise energética global

Nesse meio tempo, a escalada militar entre Irã, Israel e Estados Unidos desencadeou uma crise energética global que recolocou a segurança de suprimento no centro da economia mundial.

Pela primeira vez, infraestruturas críticas de petróleo e gás foram diretamente atingidas no Oriente Médio, com retaliações em cadeia e o fechamento do Estreito de Ormuz, uma das principais rotas de escoamento de hidrocarbonetos do planeta.

O resultado foi uma disparada nos preços de energia, aumento da inflação global e manutenção de juros elevados em economias centrais. No Brasil, os efeitos já aparecem no encarecimento do diesel, dos fertilizantes e do gás de cozinha, pressionando custos no agronegócio e reforçando a percepção de que segurança energética deixou de ser apenas um tema técnico e passou a ser uma variável central de competitividade econômica.

Em meio à crise, o governo realizou o maior leilão de energia da história, contratando cerca de 19 GW de potência e destravando R\$ 64,5 bilhões em investimentos para reforçar a segurança do sistema elétrico. O desenho do certame deixou claro um novo eixo de prioridade: garantir oferta firme em momentos de pico, em um contexto de crescente dependência de fontes intermitentes como eólica e solar.

Com forte predominância de termelétricas, especialmente a gás natural, e participação relevante de hidrelétricas, o leilão busca reduzir o risco de escassez e mitigar a volatilidade de preços, com projeção de economia de R\$ 33,6 bilhões nas tarifas ao longo dos contratos.

Contradição x estratégia



Ao mesmo tempo, o resultado expõe uma contradição no discurso ambiental do próprio governo. Em meio à defesa da liderança climática e da transição energética, o leilão contratou inclusive energia a carvão mineral, a fonte mais

ECONOMY

A decisão reforça o caráter pragmático da política energética brasileira, que prioriza segurança e estabilidade do sistema diante de um cenário global adverso, mas evidencia os limites de uma transição que, na prática, segue ancorada em fontes fósseis para garantir confiabilidade.

Por trás dessa escolha, segundo Correa do Lago, há uma lógica que passa menos por uma contradição e mais por uma leitura geopolítica da transição. Em um cenário de guerra, ruptura de cadeias de suprimento e choque de preços, garantir oferta de energia em um ambiente estável passa a ser parte da solução global, não do problema.

Ao afirmar que o Brasil fará "o que é necessário para contribuir para a paz", o embaixador sinaliza que o País vê sua produção energética, inclusive de fontes fósseis, como um instrumento de estabilidade em um mercado internacional marcado por volatilidade e risco. Nesse contexto, a transição energética deixa de ser um movimento linear e passa a incorporar uma dimensão estratégica, em que segurança, previsibilidade e capacidade de entrega se tornam ativos tão relevantes quanto a descarbonização.

LEIA MAIS



ECONOMY

Itaúsa: sustentabilidade vira tese de investimento, mas execução tem gargalos



ECONOMY

FlixBus investe R\$ 1 bilhão no Brasil, onde tem a maior rota do mundo

**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E
FIQUE POR DENTRO DAS PRINCIPAIS NOTÍCIAS DO MERCADO**

E-mail



CADASTRAR

Quer receber notícias pelo Whatsapp ou Telegram? Clique nos ícones e participe

ECONOMY

QUEM SOMOS

CONTATO

POLÍTICA DE PRIVACIDADE

TERMOS DE USO

FALE COM A REDAÇÃO

ANUNCIE

SIGA-NOS



© Todos os direitos reservados. Managed by OKN

